

ALBERTO MUSSA A ORIGEM DA ESPÉCIE

o roubo do fogo e a
noção de humanidade

1ª edição



EDITORA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2021

Mussa, Alberto

M977o A origem da espécie [recurso eletrônico]: o roubo do fogo e a noção de humanidade /
Alberto Mussa. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Record, 2021.

recurso digital

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-65-5587-284-2 (recurso eletrônico)

1. Evolução (Biologia) – Ensaios. 2. Ensaios brasileiros. 3. Livros eletrônicos. I. Título.

21-69933

CDD: 869.4

CDU: 82-4(81)

Meri Gleice Rodrigues de Souza – Bibliotecária – CRB-7/6439

Copyright © Alberto Mussa, 2021

Projeto gráfico de capa e miolo: Leonardo Iaccarino

Diagramação: Beatriz Carvalho

Imagem de capa: Jose A. Bernat Bacete / Getty Images

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, armazenamento ou transmissão de partes deste livro, através de quaisquer meios, sem prévia autorização por escrito.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Direitos exclusivos desta edição reservados pela
EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: (21) 2585-2000.

Produzido no Brasil

ISBN 978-65-5587-284-2

Seja um leitor preferencial Record

Cadastre-se no site www.record.com.br e receba informações sobre nossos
lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:

sac@record.com.br



PLANO GERAL

chave de leitura

preâmbulo

PRIMEIRA PARTE

o que nos torna humanos

1. uma notável coincidência
2. exercício de restauração
3. um mito muito realista
4. genes, línguas, mitos

SEGUNDA PARTE

mar de histórias

estrutura dos verbetes

5. o fogo roubado
6. o fogo doado
7. o fogo buscado
8. o fogo inventado
9. o fogo colhido
10. o fogo vendido
11. correlatos do fogo

APÊNDICES

etnolinguística do fogo

aritmética do fogo

genótipos do roubo do fogo

fontes, leituras, menções

biografia do autor

Assim, a despeito dos traços fantásticos
que distorcem muitos deles,
os mitos da origem do fogo
provavelmente contêm
um substancial elemento de verdade;
e fornecem pistas
que nos ajudam a tatear
na escuridão do passado humano,
através das inúmeras idades
que precederam a emergência da História.

Sir James George Frazer,
Myths of the origin of fire

AGRADEÇO

a **João Cezar de Castro Rocha**, que discutiu comigo o alcance estético, ou propriamente “literário”, da narrativa mítica; e me estimulou a escrever este livro;

a **Carlos Fausto**, a quem devo o aprimoramento do meu primeiro capítulo, além da eliminação de um capítulo defeituoso; e

a **Eduardo Viveiros de Castro**, que me deu muitas sugestões e a segurança necessária para a aventura de publicar este ensaio.

chave de leitura

código dos mitos

O inventário de mitos sobre a origem do fogo foi dividido em seis categorias, com numeração independente: os do fogo roubado (que recebem “R” antes do número), os do fogo doado (D), os do fogo buscado (B), os do fogo inventado (I), os do fogo colhido (C), e os do fogo vendido (V). A sétima categoria, dos mitos correlatos, que não tratam exatamente da origem do fogo mas parecem ter com ela algum tipo de relação *subtextual*, tem “S” antes do número.

nomenclatura dos filios e famílias linguísticas

*classificação de
Ruhlen / Glottolog*

atlântico-congo

koman

sudânico central

indo-hitita

urálico-yukaghir

caucasiano

abkhaz-adyge

túrquico

sumeriano

hurriano

coreano

chukchi-kamchatkano

dravidiano

sino-tibetano

grande andamanês

australiano

Oyster Bay

tasmaniano

esquimó-aleúte

neste livro

afro-atlântico

komânico

sudânico

indo-europeu

urálico

caucásico

circássico

turcaico

sumérico

húrrico

coreico

beringico

dravídico

tibeto-sínico

andamânico

austrálico

óstrico

tasmânico

esquimó

preâmbulo

Este livro não é nenhum tratado científico; não se prende a categorias teóricas rigorosas, como as que embasam o pensamento de filósofos, etnólogos, arqueólogos, paleontólogos, geneticistas, linguistas, matemáticos.

Escrevi um mero ensaio literário, de espírito bastante livre, sobre as múltiplas versões de um dado mito, certamente muito antigo, que poderíamos denominar “o roubo do fogo”.

O roubo do fogo me fascina há cerca de três décadas, quando mergulhei pela primeira vez nas *Mitológicas* de Lévi-Strauss. Mas foi só quando enfrentei uma obra menor de Sir James Georg Frazer, *Myths of the origin of fire*, que intuí seu verdadeiro alcance: a leitura sistemática daquelas narrativas, somadas às que eu já conhecia, me propunha uma série de questões meio incômodas, relativas ao cerne da noção de humanidade.

O livro de Frazer me fez pôr em prática a arte de ler mitologia, do jeito que vi em Lévi-Strauss. As *Mitológicas* demonstram que o sentido profundo de um mito não está no que ele diz diretamente — mas sobrevém principalmente do contraste com outros mitos: de outros povos, outras línguas, outros lugares. Assim, a leitura de um mito, de um único deles, pode vir a consistir, de fato, num processo infinito.

A vontade de escrever este livro, contudo, só me veio depois de ler o tratado colossal de Michael Witzel: *The origins of the world's mythologies*. Embora tenha me identificado com seus princípios teóricos (baseados no velho e poderoso método histórico-comparativo), não concordei com o tratamento aplicado ao *corpus*, em algumas partes, nem com a interpretação de certos resultados. Não concordei, sobretudo, com o caráter secundário atribuído aos mitos sobre a origem do fogo.

O roubo do fogo (creio eu) é uma das três ou quatro histórias mais antigas que ainda se contam sobre a face da Terra. É ainda o mais antigo programa ideológico que se conhece, e que termina por estabelecer o próprio conceito de humanidade. Mas é também o mito que expõe, ou pressupõe, a vocação etnocêntrica da espécie humana — decorrente, em grande parte, da própria capacidade que dispomos de falar, de empregar uma linguagem articulada.

Mas não convém precipitar demais o que se irá dizer — ou concluir.

Pessoas próximas, amigas, com quem comentei o plano deste livro, chegaram a me desaconselhar, a pedir que eu não o publicasse — já que um tema como esse não calha bem a romancistas.

Entendo a ponderação: mitos pertencem, sobretudo, ao campo da etnologia. São ainda objeto da filosofia, da história das religiões, da sociologia, da psicologia,

da psicanálise, de outros ramos do conhecimento. Foram também objeto do folclore, disciplina que saiu de moda e cedeu seu lugar à moderna mitologia comparada, cujos métodos se aproximam dos da paleolinguística, da genética e da arqueologia.

Que faz, então, um romancista, um contador de histórias como eu, no terreno do mito? Respondo: mitos são, no fim das contas, apenas mais um gênero de narrativa; embora seja, para mim, o gênero por excelência — o mais exuberante, o mais perfeito entre todos, por condensar o máximo de conteúdo com um mínimo de expressão.

Mito é uma história que se passa numa época ou era não coincidente com a da ordem cósmica atual. Pode se situar, assim, no tempo das origens, como no do episódio bíblico de Adão e Eva; ou mesmo no futuro, quando se trata da mitologia escatológica, das narrativas sobre o fim do mundo, como a do *Apocalipse*.

Daí decorre sua força: sendo anteriores ou posteriores ao presente cósmico, mitos explicam e codificam todo o pensamento cosmogônico e cosmológico do meio étnico onde operam.

Todavia, algumas dessas histórias parecem transpor essa fronteira, assumindo um valor mais amplo, mais geral, como se seu sentido profundo pudesse ser interpretado da mesma maneira por indivíduos de línguas e culturas distintas; como se todas elas, mesmo muito diferentes entre si, quisessem dizer a mesma coisa.

É o caso do roubo do fogo.

Assim, à semelhança de um filólogo que estuda e compara diversos manuscritos antigos e anônimos de um mesmo poema ou narrativa, decidi escrever o que penso — ou o que sinto — sobre o roubo do fogo.

Resta, por fim, ratificar que *A origem da espécie*, embora não seja ficção, é minha obra mais radicalmente pessoal: nenhum romance me levou tão longe nessa aventura de reconstruir, ou adivinhar, o passado.

*O menino Mogli ficou perdido na floresta
e foi criado pela alcateia dos Lobos.
Decidiu, a alcateia, que ele tinha de voltar
para a aldeia dos homens,
porque Sheri-Khan, o Tigre,
queria matá-lo.*

*Baguera, a Pantera, se incumbiu da missão.
Mas Mogli se revoltou
quando conheceu seu destino;
e fugiu de Baguera.*

*Depois de muitos perigos,
Balu, o Urso, encontrou Mogli.
Mas ele foi raptado pela tribo dos Macacos,
que o levaram para as ruínas antigas,
no alto das mais altas montanhas.*

*O rei Lu, dos Macacos, quer obter de Mogli
o segredo da Flor Vermelha.
Mas Mogli, criado pelos Lobos, respondeu:
“Eu não sei acender fogo.”*

*Versão pessoal da história de Mogli,
da obra de Rudyard Kipling.*

PRIMEIRA PARTE

O QUE
NOS
TORNA
HUMANOS

1.

uma
notável
coincidência

Em sua *Relação da província do Brasil*, de 1610, escreve o jesuíta Jácome Monteiro sobre os tupinambás da costa da Bahia: “têm clara notícia do dilúvio e praticam entre si como o mundo se alagara com perda de todos os homens, exceto um irmão e uma irmã...”

Não tratarei dos mitos do dilúvio; e, por isso, interrompo a história que ele conta para dela aproveitar um pormenor: ao dizer que os tupinambás “têm clara notícia do dilúvio”, o jesuíta faz, à sua maneira, um breve exercício de mitologia comparada — tomando a versão bíblica, a da célebre Arca de Noé, como verdadeira, ou original; e a variante brasílica como falsa, ou deturpada, ainda que baseada num “fato” constante do texto sagrado, do qual devem ter tido, os índios, algum conhecimento.

Mesma reação se lê na *Cosmografia universal*, do frade André Thevet, que esteve entre os tamoios, como são chamados os tupinambás do Rio de Janeiro. Ao reproduzir a versão carioca da mesma história, faz Thevet o seguinte comentário: “Ouçam como os contos desses inocentes se aproximam das Escrituras.”

Para o pensamento europeu de então, tais semelhanças comprovavam, na verdade, outro mito: o de que São Tomé estivera nas “Índias”, evangelizando os pagãos. Foi o apóstolo, portanto, quem lhes deu a tal “notícia” do dilúvio. Sem a presença desse elo, sem esse transmissor, seria impossível explicar a existência de uma narrativa do dilúvio entre os tupinambás.

Mas voltemos à *Relação* do padre Jácome. Depois de concluir a história do dilúvio e mencionar outros fragmentos míticos, o jesuíta nos apresenta um mito sobre o roubo do fogo, de que faço um resumo:¹

R 174

Os primeiros povoadores do mundo não tinham fogo. Quando morrem vários deles, os pássaros se reúnem ao redor dos cadáveres, querendo comê-los, mas sem ter certeza de que estavam mortos. O Carcará arranha o rosto e arranca os olhos dos corpos, para testar. É quando vem a ave de rapina chamada Guaricuja, o Urubu-Rei, que é avô do Urubutinga e só come carne cozida. O Guaricuja traz uns paus e com eles faz fogo, para moquear a carne (noutra versão, para assarem os olhos). Nisso, chega ao local um rapaz, que tinha ido até lá para visitar a mãe e o tio (noutra versão, há só um morto e é o filho do morto quem chega). Vendo o que acontece, espanta os pássaros, inclusive o Guaricuja, e rouba o fogo, além de ter aprendido a feri-lo com os paus. O Jacu pega as brasas e as espalha pelo mundo, e por isso tem até hoje o pescoço vermelho (noutra versão, o fogo fica naquele tipo de pau e no papo do Jacu).

Dessa vez, Jácome Monteiro não associa o relato tupinambá a uma passagem bíblica. E a razão é simples: o *Gênesis* não tem nenhuma história sobre a origem do fogo. A primeira menção ao fogo controlado pelo homem, na mitologia hebraica,